

Especialista quer a unificação da Saúde

9 MAR 1982

Da sucursal de
BRASÍLIA

O aparato político-administrativo do setor de Saúde, no governo federal, está preparado para uma unificação. As circunstâncias políticas, inclusive com um ministro da área saindo para concorrer às eleições, são oportunas, porque os ministros podem abrir mão sem maiores traumas, permitindo a transferência de órgãos e sua melhor adequação. O País encontra-se num momento muito sério para a área de Saúde e nunca se obteve tantas circunstâncias nacionalmente favoráveis, para um processo de mudança de profundidade no sistema de Saúde.

Esta é a posição do ex-secretário-geral do Ministério da Saúde, José Carlos Seixas, atualmente assessorando o CNPq no setor de Saúde, manifestada ontem, em Brasília, durante os debates sobre um programa de formação de recursos humanos em Epidemiologia, lançada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico para ficar em execução nos próximos quatro anos. O projeto, submetido a 40 especialistas de todo o País, que o debateram ontem e vão apresentar hoje suas conclusões, terá financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento — BID — com um valor global de 80 milhões de dólares — cerca de Cr\$ 11 bilhões — dos quais, 40 milhões são de contrapartida brasileira.

Seixas lembrou que a população conseguiu um debate no campo da Saúde e já amadureceu, no País, a possibilidade de uma mudança. "Há um processo de desenvolvimento social que pede um novo sistema de Saúde" — observou o especialista, enfatizando que não existe, contudo, um plano nacional de formação de recursos humanos para suportar o processo de mudança. Este

programa lançado ontem pelo CNPq, em sua opinião, deveria ter ocorrido há cinco anos.

Procurando transferir o conhecimento epidemiológico ao médico que atua no campo da Clínica, o programa é "importante, inovador e difícil" — lembra o assessor.

Aluísio Campos da Paz, outro participante do programa, falou no seminário promovido pelo CNPq sobre a necessidade de haver uma aliança política, um início de processo de discussão que, "se não ocorrer, a sociedade o fará, apesar dos médicos". Em sua opinião, é preciso obter-se uma visão mais ampla dos problemas de saúde, "para acabar com o maniqueísmo cura-prevenção". Os recursos do BID — observou — serão totalmente esgotados, se não houver uma consciência crítica sobre o momento e a realidade do País.

Para Campos da Paz, existe, no Brasil, uma produção de tecnologia médica, mas não foi proposta ainda uma maneira de fazer permanecer o conhecimento. Outro debatedor, o professor Frederico Simões Barbosa, enfatizou a ineficácia dos planos que são lançados sucessivamente: "Onde está o Prev-Saúde? São tentativas que vão ficando sem andamento. Que esta não fique, pois o Prev-Saúde tinha também estes objetivos".

O presidente do CNPq, Linaldo Calvalcanti de Albuquerque, disse, ao instalar o encontro dos especialistas, que os dois programas incluídos no financiamento do BID — os de pesquisa das alternativas tecnológicas para a região do Semi-Árido e formação de recursos humanos em Epidemiologia, Ciências Agrárias, Geociência e Tecnologia Mineral — estão voltados para o fortalecimento da capacidade das instituições nacionais de pesquisa e ensino.